

IN

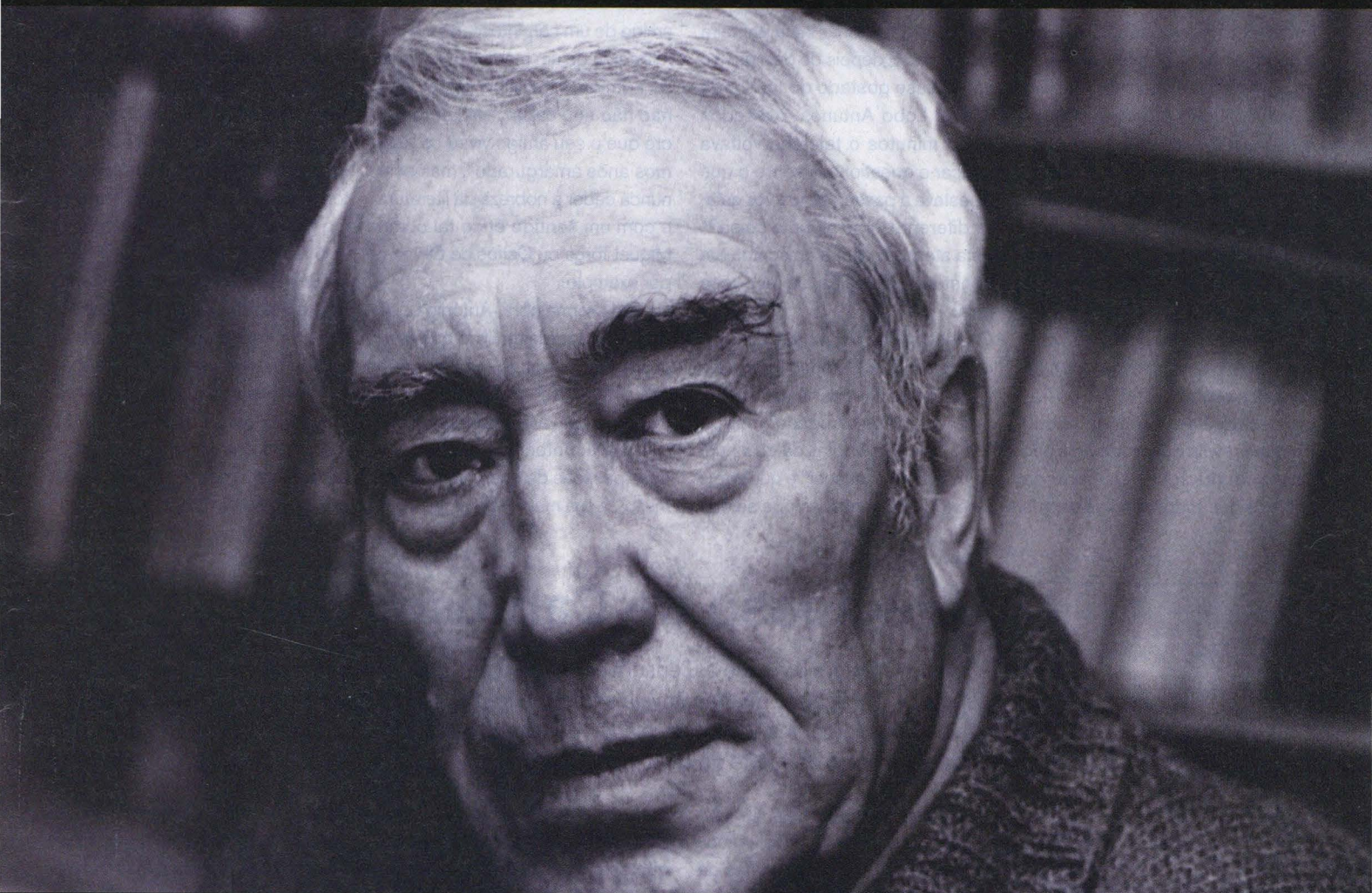
#038

32'DESTAQUE O REGRESSO DE CARDOSO PIRES

36'NA BIBLIOTECA DE BAPTISTA LOPES 37'INTERNET 38'LIVROS

42'ROTEIRO 44'CINEMA 46'MÚSICA 48'TEATRO E DANÇA

50'MERCADO DA ARTE 51'LEILÕES 52'ARTES PLÁSTICAS 53'ARQUITECTURA



NOVA EDIÇÃO REVELA
OS CORTES DA CENSURA
EM **CARDOSO PIRES**



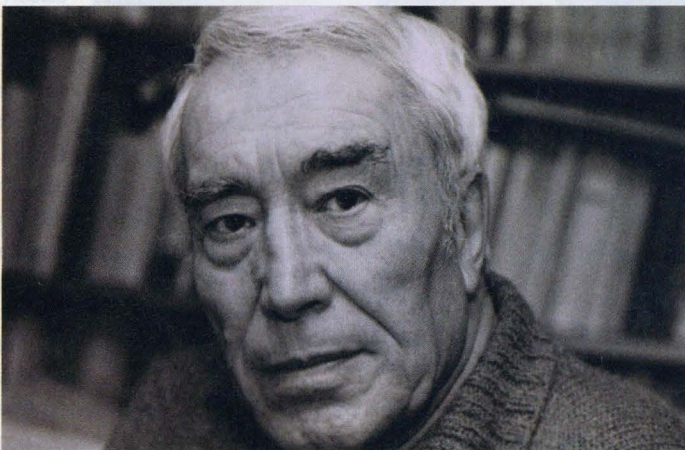
O beijo da Censura

EM JULHO DE 1952, o jovem escritor (tinha então 27 anos) José Cardoso Pires deu à estampa, com a chancela da Editorial Gleba, dirigida por Victor Palla, um livro de contos intitulado *Histórias de Amor*. Cardoso Pires publicara uma primeira recolha dois anos antes (*Caminheiros*) e, se não se pode considerar que fosse já célebre, também não era um ilustre desconhecido: nele se reconhecera, desde o livro de estreia, aquilo a que se chamava “uma voz” nova na ficção portuguesa. Isso e o próprio título da nova recolha chamaram a atenção da Comissão de Censura, instituição que velava pela conformidade da criação e circulação de ideias com os padrões, aliás muito difusos, da ideologia salazarista. Um mês depois, em finais de Agosto, a edição era retirada do mercado, por ter sido considerada “imoral”. O livro de Cardoso Pires, dizia a Censura, era uma colecção de “contos de misérias sociais e em que o aspecto sexual se revela indecorosamente”. No seu combate contra a proibição, Cardoso Pires pôde reaver a edição que fora analisada pelos censores, a qual registava (o tristemente famoso *lápiz azul*) as passagens ou expressões do livro que tinham chocado a “moralina” oficial. É a reprodução dessa intervenção censória que agora nos chega, facultada pela família do escritor e editada por Nelson de Matos. E é reveladora do caldo mental em que vivíamos, durante os tempos da ditadura.

SE AS “MISÉRIAS SOCIAIS” comoveram os censores, não se pode dizer que tenha sido isso que os levou a brandir o *lápiz azul*. O que ressalta é a indefinição de critérios, que vai desde a utilização do calão (“camandro”, “filhos da mãe”, “dor-de-como” são assinalados pelos censores, assim como “não aguenta, uma gaita”...) até ao horror que revelam pela palavra “nu” ou “nua”: os protagonistas podem estar deitados lado a lado, trocando carícias (mas não todas,

como já veremos) e palavras de amor, mas lá “nus”, isso é que não!

A intervenção censória desdobra-se em absurdos anátemas, mesmo que as frases não sejam em si mesmas “indecorosas”: a Censura não gostou de ler uma prostituta dizer que só ia com velhos, “pessoas que não fazem nada. Nada,



Esta edição de *Histórias de Amor* serve para se perceber até onde chegou o afã de entorpecimento dos espíritos, que foi a arma mais poderosa da ditadura

percebeu?” – e são estas duas frases que o *lápiz azul* assinala. E, no desenvolvimento de uma cena de amor, encontrou motivo de escândalo na seguinte descrição da mulher amada: “a curva das costas e das nádegas tão simples e exacta que não tem desenho nem sombra”. É obra!

MAS O QUE MAIS ATERRORIZA o censor é o beijo. “Os lábios colados à pele dele” é expressão assinalada; “a saliva dos beijos” merece corte; “os lábios húmidos no peito dele” recebe o mesmo destino; “não me beije” é acesso de pudor, mas a Censura não o entendeu assim; “pus-me a beijá-la” é proibido; “beijou-me, está muito bem. E se eu lhe disser que nunca o beijei a si?” igualmente proscrito.

Esta última tem, aliás, que se lhe diga. Está integrada numa cena em que a jovem prostituta dialoga com o narrador, reivindicando uma espécie de pureza, que só existe na cabeça dela. O censor assinala a passagem em que ela diz: “Eu é que não os beijo. Em toda a minha vida nunca beijei um homem. Nunca. Nem a si, já vê.” O que

é que escandalizou o leitor-policia: a “indignidade” de uma prostituta que a si mesma se vê intacta? Ou a sua falta de “profissionalismo”?

Esta edição de *Histórias de Amor* é um memorial da estupidez pseudo-moralista que nos governou durante décadas. Através da sua leitura (quero dizer, das passagens assinaladas pela Censura), é possível reconstituir a miséria mental dos que tinham por missão controlar as

mais ínfimas manifestações da liberdade de criação. É uma edição que, com proveito, podia ser “contada às crianças e lembrada ao povo”, para se perceber até onde chegou o afã de entorpecimento dos espíritos, que foi a arma mais poderosa da ditadura e cujos efeitos ainda hoje sentimos.

Resta a consolação de que este é o mês para relembrar e celebrar a obra de José Cardoso Pires, que morreu há dez anos, num reencontro público com um dos maiores escritores portugueses do século XX. Quanto ao censor, ninguém sabe já quem ele foi.

Notícias Sábado

11. 10. 08

